

CHARLES DICKENS EM PORTUGAL

Maria Leonor Machado de Sousa

Nota Preliminar

Este artigo começou a ser preparado há alguns anos, em Londres e Lisboa, quando uma universidade norte-americana se propôs organizar uma colectânea de estudos sobre a presença de Dickens nas literaturas estrangeiras. Devo a proposta de colaborar nesse trabalho ao Prof. Luís Sousa Rebelo, King's College, Londres, que igualmente me ofereceu as suas fichas sobre a matéria relativa a Portugal, que foram o núcleo inicial desta investigação. Aqui deixo o meu reconhecimento.

Por qualquer razão o projecto não se concretizou, e o material para o artigo ficou arrumado para ocasião propícia. Esta surgiu agora, com a realização de vários trabalhos importantes que permitem colmatar muitas lacunas inevitáveis quando se faz uma pesquisa de raiz numa época como o século XIX, em que as publicações periódicas eram inúmeras e a sua secção "folhetim" era o veículo mais frequente para a apresentação de contos e romances em tradução.

Foram esses trabalhos *A Tradução em Portugal*, de Gonçalves Rodrigues, cujo 4º volume apareceu em 1994, cobrindo as três últimas décadas do século XIX, incluindo 1900; o trabalho *Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica em português (1554 - 1900)*, apresentado por Isabel Maria da Cruz Lousada em Janeiro de 1999, para acesso à categoria de Investigadora Auxiliar no Centro de Estudos Anglo-Portugueses (F.C.S.H., U.N.L.), trabalho que teve relativamente ao anterior o mérito de rectificar e descodificar muitas das suas indicações.

Nos últimos anos e já em fase final, estão em curso duas dissertações para doutoramento na Faculdade de Ciências So-

ciais e Humanas que estudam a influência da cultura inglesa em Portugal através de publicações periódicas até 1865, de Maria Zulmira Castanheira, e no período da geração de 70, de Maria Gabriela Gândara Terenas. Por não se limitarem a traduções, elas abrem um leque de informação valioso, tanto por presença como por omissão. A ambas agradeço o facto de me terem cedido as informações de que dispunham.

Sabendo embora que esta investigação pode ser muito mais aprofundada, creio que se justifica agora a sua apresentação.

Abreviaturas

BN – Biblioteca Nacional, Lisboa

BC – Fundo British Council, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

DL – Depósito Legal

TP – Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal*

IL – Isabel Lousada, *Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica em português, 1554-1900.*

Relativamente a alguns títulos longos que aparecem muito frequentemente, decidi abreviá-los da forma mais conhecida:

Sketches by Boz Illustrative of Every-Day Life and Every-Day People – *Sketches by Boz*

The Adventures of Oliver Twist – *Oliver Twist*

The Personal History of David Copperfield – *David Copperfield*

The Posthumous Papers of the Pickwick Club – *Pickwick Papers*



CARLOS DICKENS

O século XIX foi o grande século do romance, desde o romance histórico ao romance realista e naturalista, com autores como Walter Scott, Jane Austen, as irmãs Brontë, George Elliot, Balzac, Zola, Dostoyevsky e Tolstoy. Também em Portugal houve nesta época grandes romancistas que cobriram, embora por vezes tardiamente, todos os géneros citados, como Herculano, Camilo e Eça de Queirós.

Omiti Dickens entre os nomes britânicos referidos, por um lado porque vai ser ele o centro deste trabalho, por outro lado, porque, como praticamente cronista social da primeira parte da época vitoriana em que viveu, transmitiu uma realidade que, em plena Revolução Industrial com a problemática social que dela derivou, não coincidia muitas vezes com a dos outros países e poderá ter sido sentida um pouco distante, talvez mesmo pouco interessante ou mal compreendida. Dickens foi o criador e autor máximo do chamado “romance social” ou “romance humanitário”.

Como habitualmente, foi a França o grande divulgador da obra de Dickens, autor que foi já aclamado em vida, nas viagens que realizou sobretudo na América, onde a comunidade de língua terá sido o grande factor do entusiasmo contemporâneo que Dickens despertou. Da primeira vez, pelo menos, Dickens não ficou tão bem impressionado com o Novo Mundo, que criticou fortemente em *American Notes* e satirizou no romance *The Life and Adventures of Martin Chuzzlewit* (só traduzido em português em 1956 como *O romance da família Chuzzlewit*), obras que suscitaram grande desagrado na América, desagrado já esquecido em 1867-68, quando, numa segunda viagem, o romancista chegou a ser recebido pelo Presidente Andrew Johnson.

No entanto, na Europa, as próprias traduções francesas, sobretudo dos grandes romances, aparecem cerca de 15 anos depois da sua publicação. Em Portugal foi preciso esperar quase mais 15.

Contudo, e pelo menos por razões que têm a ver sobretudo com a grande actividade editorial em França, devida a uma tradição cultural e principalmente ao grande mercado livreiro de língua francesa em toda a Europa, foram bem diferentes as circunstâncias. Os textos escolhidos em Portugal no século XIX foram sobretudo contos curtos. Independentemente de termos que reconhecer que em meados do século XX Dickens foi muito traduzido, estranhamente até com edições diferentes num mesmo ano (v. por exemplo os n.ºs 86 e 87 da listagem que apresento), só na década de 40 surgiu o projecto de publicar as suas obras completas, que se ficou pelo número 3.

Em França, os 28 volumes que compuseram as “Oeuvres de Charles Dickens, traduites de l'anglais, sous la direction de P. Lorain”, editadas em Paris, foram publicadas entre 1857 e 1874. Além de muitas traduções isoladas, alguns tradutores, como Amédée Pichot, verteram para francês séries mais ou menos longas de romances dickensianos, ainda no século XIX.

Em Portugal, exceptuando o caso de A.C., na década de 1860, só em pleno século XX vamos encontrar tradutores que repetem as suas incursões nesta área, sobretudo Mário Domingues.

No entanto, o que não deixa de ser curioso, o primeiro texto de Dickens a ser traduzido em português foi publicado muito cedo, em 1839, seis anos depois de Dickens ter iniciado a sua actividade literária, quando era ainda um autor desconhecido fora da Inglaterra. Trata-se de um conto – “Conto verdadeiro. O Estalajadeiro de Andermatt” – cujo original foi impossível encontrar. É um dos dois contos incluídos na listagem agora apresentada cuja acção decorre na Suíça. Uma hipótese seria atribuí-los à época da viagem a esse país, mas ela só teve lugar em 1848. A razão que leva a declará-lo como sendo da autoria de Dickens é o facto de estar assinado “Boz”, o diminutivo por que o chamava o seu irmão mais novo e que adoptou inicialmente, voltando a ele algumas vezes.

A lógica apontaria para os *Sketches by Boz, Illustrative of Every-Day Life and Every-Day People*, a sua primeira obra, publicada em volume em 1836-37, reunindo, entre outros textos, “tales” aparecidos em folhetim em vários jornais entre 1833 e 1835 e mais oito escritos expressamente para o livro, dos quais dois tiveram grande êxito em Portugal, “The Black Veil” e “The Drunkard's Death”. Acontece que o conto a descobrir não faz parte desta colectânea, nem corresponde a qualquer texto do meu conhecimento.

A seguir, também desgarrado de qualquer evolução que manifeste um interesse especial, aparece em 1847 um primeiro texto dos *Sketches*, agora assinado “Dickens”. Trata-se, desta vez, de um dos contos incluídos em *Sketches by Boz* (“A família Tuggs em Ramsgate”), mas, por uma das curiosidades que se verificam frequentemente na difusão da obra de um escritor em literaturas estrangeiras, o autor já não é o “Boz” do original mas sim “Dickens”. Aliás, isto iria acontecer relativamente a todos os contos desta obra.

No que se refere ao conto mencionado, mais uma vez se trata de uma publicação em folhetim, a forma mais conveniente para os jornais e revistas da época e que continuará a ser frequentemente adoptada até finais do século, mesmo para os romances de maior fôlego, como *Oliver Twist*, que apareceu no *Diário Popular* desde 1876 até 1878. Foi este o primeiro grande romance de Dickens, o segundo da sua autoria, traduzido em Portugal. Há que notar que, pela forma de publicação ou por outra razão qualquer, muitos contos e romances foram algo cortados ou condensados. O caso mais evidente é o de “Uma representação de curiosos”. Este hábito ‘simplificador’ manteve-se com alguma frequência durante o século XX. Essa verificação, que poderá esclarecer o modo de abordagem dos originais e as suas razões, não tive oportunidade de a fazer, excepto em casos raros, mas justificará com certeza um novo trabalho.

A respeito desta primeira versão de *Oliver Twist*, vale a pena registar o seu título completo: *Oliver Twist ou os ladrões de Londres*, porque ele sugere uma tradução do francês, onde, em 1850, a obra foi publicada com o título *Les voleurs de Londres*. A tónica neste aspecto do romance pode ter inspirado os artigos publicados em dois jornais de Lisboa, *O Progresso*, em Agosto de 1879, e *O Puritano*, que estranhamente recuperou o texto em Outubro de 1889. É plausível que tenha sido também este texto aquele que, segundo Gonçalves Rodrigues, terá sido publicado com o mesmo título em *A Gazeta do Correio*, Lisboa, Agosto 1880.

Além dos dois primeiros contos mencionados, não foi ainda detectada qualquer referência a Dickens neste período, apesar de ser muito extenso o número de periódicos estudados. E o silêncio mantém-se com o terceiro conto, de 1861, “Meu Tio. Conto Phantastico”, cujo autor não é mencionado, mas que Gonçalves Rodrigues atribui a Dickens, o que informações francesas confirmam.

De facto, o artigo “My Uncle”, publicado em *Household Words* em Dezembro, 1851, não parece ter qualquer coisa de fantástico,

mas é a única referência com este título existente naquilo que podemos considerar a enciclopédia dickensiana: Paul Davis, *Charles Dickens A to Z. The essencial reference to his life and work*, New York, Checkmark Books, 1998. Além disso, tratando-se de um penhorista, torna-se mais plausível a identificação quando se nos depara o caso que constitui o número 38 da listagem que apresento.

A partir de 1863, muda completamente o cenário. Nesse ano são publicados em *O Jornal do Porto* oito contos dos *Sketches*, um deles novamente “A família Tuggs em Ramsgate”. É dito sempre que o autor é Charles Dickens e que se trata de uma versão do inglês, situação rara entre nós, pois se recorria com maior frequência a intermediários franceses.

O mesmo periódico continua a apresentar Dickens em 1864, agora com “Uma lòa de Natal em prosa. Conto phantastico do Natal”, de novo com as indicações da autoria e de que se trata de uma “versão do original inglez”, e com uma novidade: a versão é de A.C., que não terminou aqui a sua actividade relativa a Dickens, e que somos levados a pensar tratar-se de A.R. Cruz Coutinho, o proprietário do jornal, sobretudo porque nesse mesmo ano imprime na tipografia do *Jornal do Porto* a colectânea de tudo o que fora publicado no periódico. O último dos textos sugere que de facto as traduções terão sido feitas directamente do inglês: contrariamente ao que aconteceu até aos nossos dias, onde as variadíssimas traduções e versões de *A Christmas Carol* usam as palavras “canto” ou “cântico”, o tradutor portuense vai buscar um termo que podemos dizer tradicional (“loa”) mais de acordo com o “carol” inglês, uma preocupação que temos que considerar significativa.

O volume inclui também um outro conto de *Sketches* que, depois da *Loa*, A.C. publicara no mesmo jornal. “Scenas da vida ingleza, Sentimentalismo” marca praticamente o fim deste primeiro período da divulgação de Dickens no Porto, talvez porque o tradutor tenha vindo para Lisboa, onde em 1866 publica no *Diário de Notícias* mais um conto cujo original não consegui descobrir. Trata-se de “Uma lucta aerea” (é o segundo desenrolado na Suíça que referi) e inclui as indicações já conhecidas “Por Carlos Dickens. (Tradução do Inglez). Trad. A.C.”. Este conto, com o mesmo texto, volta a ser publicado no Porto, em *O Archivo Popular*, em 1871, indicando “Carlos Dickens. (Traducção do inglez)”, mas não o tradutor.

Há boas razões para a dificuldade em identificar alguns originais, atendendo à prolífica colaboração de Dickens para

diversos periódicos, em formas por vezes de difícil definição, o que levou Paul Davis a criar uma classificação simplesmente “miscellaneous”. Não é também de excluir a hipótese de se tratar de um de uma série de contos, que aparecem frequentemente na obra de Dickens, como os que são contados pelos viajantes que se encontram numa instituição de caridade onde lhes dão de jantar (“The Seven Poor Travellers”, 1854). Neste caso, poderíamos pensar em “To be Read at Dusk”, *Keepsake*, 1852, onde o narrador refere curtas histórias que ouviu contar no hospício do Grande Desfiladeiro do Monte S. Bernardo (Great St. Bernard’s Pass), portanto num cenário suíço. De qualquer modo, tendo a data em atenção, poderíamos encontrar aí este conto, mas não o primeiro que referi.

Outro caso difícil de identificar é “A nau branca”, 1899, para o qual se pode pôr a hipótese de ser uma das histórias de naufrágio incluídas em “The Long Voyage”, 1853.

Até aqui, Dickens parece ser apenas um nome, de quem talvez os próprios tradutores não soubessem muito mais.

Mas este primeiro volume de obras de Dickens inicia-se com uma biografia daquele que o autor (por certo o tradutor A.C.) declara ser “o mais popular de todos os romancistas ingleses contemporâneos”. Há aqui uma justificação da escolha de *Sketches* para apresentação de Dickens ao público português pelo facto de se considerar que neles existem já “esse colorido fresco, essa alegria nervosa, e as observações cáusticas, mas justas, que formam as qualidades mais salientes do talento de Carlos Dickens”. O autor, que cita as obras posteriores e o êxito alcançado, declara que retirou estes apontamentos de um dicionário biográfico e termina com uma citação de Amédée Pichot, um dos tradutores clássicos de Dickens, referindo as suas qualidades humanas que o triunfo que vivia não conseguira alterar.

Entretanto começam a aparecer em Portugal outras referências ao romancista britânico. Na imprensa periódica, a primeira terá sido feita em 1868 no obituário da actriz francesa Adah Isaac Menken publicado na *Chronica dos theatros*, Lisboa, 8º ano, 2ª série, nº 15, de 8 de Novembro. Aí se diz que ela dedicou o seu livro de poesia *Infidelias* a Dickens, cuja carta de agradecimento iria ser o prefácio ao livro, que brevemente seria publicado em Inglaterra.

Em 1870, ano da morte do autor, é de novo numa notícia obituária que ele é referido, em *A Civilização*, de Coimbra, no ano 1º, série 1ª, nº 16, de 20 de Julho de 1870. Trata-se de um curto “esboço bio-bibliográfico de Charles Dickens (por ocasião da sua

morte)”, e nele se diz que “a sua reputação de romancista data do *Club Pickwick*, que é de 1838. O número das suas obras é muito crescido, e cada uma delas teve repetidas edições.”

Há que rectificar esta informação relativa ao primeiro romance de Dickens: foi publicado em episódios mensais por uma firma que viria a ser um dos seus editores de toda a vida, Chapman & Hall, em 1836-37, aparecendo em volume ainda em 1837.

No mesmo ano, referiu Eça de Queirós em *Notas Contemporâneas*, a propósito de Ramalho Ortigão, “aquele *milk of human kindness* de que fala o poeta, e que era um sentimento tão característico de Dickens, o amor dos pequenos, dos simples, dos fracos, dos oprimidos”¹.

Em 1864, apareceu pela primeira vez entre nós, como já disse, a tradução de *A Christmas Carol*, o texto mais escolhido pelos tradutores portugueses, que ainda no século XIX teve mais três versões, de 1873, uma de Eugénio de Castilho, e duas de 1876, uma das quais, publicada em *O Diário da Manhã*, ficou incompleta. Merece especial destaque a edição de 1873, pelo facto de o seu autor, o filho mais novo de António Feliciano de Castilho, ser uma personagem de algum destaque na vida literária portuguesa, onde se afirmou sobretudo como colaborador literário e crítico em diversos periódicos, um dos quais fundado por ele próprio: *Folha de curiosos* (1868 – 69).

Nesta altura, de Inglaterra, Eça de Queirós ia transmitindo na sua correspondência conhecimento e admiração pelo “divino Dickens que escreveu *David Copperfield*”². Também o considerou, com Balzac, “o maior criador na arte moderna”.³

E, no importante texto “O ‘francesismo’”, incluído na colectânea atrás citada, transmite uma ideia nova para Portugal, ao dizer que a literatura inglesa é “incomparavelmente mais rica, mais forte e mais original que a de França”. Para demonstrar a ignorância em que o país se mantinha relativamente a ela, conta dois episódios, um dos quais é revelador no que se refere à situação de Dickens em Portugal:

¹ 5ª ed., *Obras de Eça de Queiroz*, Livros do Brasil, Lisboa, p. 39.

² Carta a Ramalho Ortigão, 28.11.1878, in *Cartas e outros escritos*, *Obras de Eça de Queiroz*, Livros do Brasil, Lisboa, p. 58. Deve referir-se que *David Copperfield*, romance que o próprio Dickens confessou ter muito de autobiográfico, é considerado por muitos críticos como a sua melhor obra. É frequente também que essa qualificação seja atribuída a *Pickwick Papers*, como acontece no artigo do *Diário Illustrado* que adiante citarei e que considera essa obra como aquela que é “talvez [a] mais lid[a] e apreciad[a] pelos filhos da velha Inglaterra”.

³ Carta a Silva Pinto [1879], *ibidem*, p. 63.

“ainda recentemente um homem excessivamente culto, conhecendo perfeitamente o inglês, me dizia:

‘A respeito da literatura, imagino que deve ser alguma coisa de muito brilhante e de muito grande; mas, a não ser Dickens, que morreu há vinte anos[!], não posso citar um só nome, e de nenhum outro posso citar uma só linha!’.⁴

Mas em 1883, na *Revista de estudos livres*, Lisboa, 1º ano, nº 32, 1883,⁵ José António dos Reis Dâmaso, jornalista e bibliotecário, corroborando ainda a ideia de que “a literatura [inglesa] é totalmente desconhecida para a maioria dos nossos literatos, que só conhecem um pouco da francesa, descurando completamente a nacional”, diz-nos que ultrapassou essas fronteiras:

“o traço característico do romance inglês moderno é o estudo minucioso da vida real, da vida ordinária, dos costumes populares. Como o romance alemão e americano, o romance inglês tem alcance social, e são geralmente a pintura da vida íntima, a poesia do lar, os temas preferidos. O que vemos nos romances de Dickens e Thackeray senão essas tendências para nivelar a sociedade, apesar do primeiro se preocupar mais sentidamente com este assumpto do que o segundo que é mais satyrico? Ambos se apaixonam pelo detalhe e pelas cousas infinitamente pequenas, descrevendo-as minuciosamente e alliando o humor, a bizzaria, à razão e ao bom senso [...] Dickens tem o poder creador e possui o dom de interessar progressivamente até ao desnudamento; sabe fazer viver, agitar e fallar os seus heroes. Nos seus romances observamos o indulgente pae de familia, o amoroso tímido, desenhados com uma naturalidade que não tem rival.”

Em 1872 apareceu no *Diário Illustrado* um primeiro artigo bio-bibliográfico de extensão considerável – atendendo à prática da época – encimado por um retrato de Dickens, que dá o tema ao início do texto:

“Formosa cabeça! Vê-se alli tudo: a serenidade das almas fortes e provadas nos combates da vida, a expressão profunda e meditativa dos pensadores, a graça e a elegancia do homem do mundo e do artista.”

⁴ *Ibidem*, p. 335.

⁵ No artigo “Julio Diniz e o naturalismo”, violento ataque a Eça de Queirós pelo facto de aceitar que o considerem inovador na literatura portuguesa, como “iniciador” do romance naturalista em Portugal, titulo que o autor considera pertencer a Júlio Dinis.

Como seria de esperar, o tom encomiástico que domina este artigo não volta a encontrar-se, pois a biografia e a crítica literária brevemente passam a ser mais objectivas. De qualquer modo, merece alguma atenção pelo facto de estar assinado por um nome de certo relevo no panorama literário da época, Zacarias d'Aça.

O teatro, que sempre apaixonou Dickens, foi uma nova área de divulgação em Portugal, com a representação de *O Abismo* (*No Thoroughfare*), em Lisboa, em 1869, no Teatro do Príncipe Real, que o actor José Carlos dos Santos então administrava juntamente com Pinto Bastos. O tradutor e adaptador da peça foi Augusto César Ferreira de Mesquita, empregado superior do Ministério da Fazenda e oficial do Exército, que muito trabalhou para o teatro como autor, tradutor e imitador.

Desfeita a empresa Teatro do Príncipe Real, Santos associou-se com José Joaquim Pinto,⁶ então no Ginásio, para concorrer ao Teatro de D. Maria, que lhes foi adjudicado. Entre as peças aí representadas, várias vinham já do repertório do Príncipe Real, cujos actores tinham acompanhado José Carlos dos Santos, considerado um dos maiores da sua geração. Com António Pedro e a actriz Virgínia, entre outros, *O Abismo* foi reposto em 1875, no dia 1 de Agosto, tendo tido 14 representações até 19 do mesmo mês, constituindo a última o benefício de António Pedro. O papel do actor Santos foi considerado pela crítica um dos seus melhores desempenhos.

Na notícia pormenorizada que *O Contemporaneo* publicou em Abril desse ano, Dickens é referido como “o escritor mais fértil em peripécias que nos tem dado a Inglaterra”. A obra, que resultou de uma adaptação do conto de Dickens de colaboração com Wilkie Collins, é classificada como “um drama de costumes ingleses”, que revela a “grande imaginação” de Dickens, com “belezas de *detalhes*, a que só chega um fino talento de observação, como era o de Charles Dickens.”

A tradução do conto, com o mesmo título, só viria a ser publicada em 1890.

Talvez pelo êxito que tenha tido quando publicado em Lisboa, *Oliver Twist* apareceu num jornal do Porto (*Commercio do Porto*) logo em 1879, obra de uma tradutora desconhecida, contrariamente ao que aconteceu em Lisboa, onde o tradutor era bem

⁶ Funcionário público, foi também empresário teatral. Diz Maximiano Lemos, na *Encyclopedia Portuguesa Illustrada*, que o empresário Pinto gozou sempre de grande prestígio, sendo muito estimado do público e dos artistas.

conhecido por vários trabalhos do género. Trata-se de F.F. da Silva (Vieira), que, segundo Maximiliano Lemos e Inocêncio era, entre outras actividades, tradutor de romances franceses, o que leva a supor que este trabalho tenha sido feito sobre uma versão francesa.

Também em 1874 é apresentado ao público português um conto, que viria a ser um dos preferidos dos tradutores portugueses até aos nossos dias: *The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, com diversos títulos, o primeiro dos quais – mais uma vez publicado num jornal do Porto (*O Commercio do Porto*) – foi “O perseguido pelo espectro”.⁷

Entre os contos curtos inicialmente apresentados em Portugal, incluindo os de *Sketches by Boz*, e os chamados *Christmas Stories* há diferenças, cuja análise remeto para dois críticos ingleses⁸ Quero apenas deixar aqui explicado que, na sequência dessas análises, considereei uma situação intermédia entre o conto e romance os cinco *Christmas books* publicados independentes entre 1843 e 1848, diferenciando-os dos contos publicados nos números especiais de Natal dos seus periódicos *Household Words* e *All the Year Round*, que manteve até 1868.

Os primeiros acabaram por ser publicados conjuntamente em várias edições, ilustradas por nomes famosos da gravura inglesa. Os outros surgiram mais tarde em várias colectâneas diversificadas, o que poderá justificar que as traduções de “contos de Dickens” em diversas línguas não coincidam nos textos escolhidos. Também a inclusão de apócrifos, como “O Guinéu da coxa”, se justifica pela colaboração nos periódicos de vários romancistas da época, como Wilkie Collins, Bulwer-Lytton e Elizabeth Gaskell, ou autores de menor futuro mas que assimilaram de tal modo o estilo de Dickens que chegaram a ser confundidos com ele.

No mesmo ano em que Eça volta a referir Dickens, 1887, para o considerar um escritor marcante da época, juntamente com Thackeray e George Elliot,⁹ Ramalho Ortigão conta como viu

⁷ V. n.º 24 da listagem que apresento.

⁸ Thomas, Deborah A., *Dickens and the short story*, London, Batsford Academic and Educational Ltd, 1982, e Kitton, F.G. *The minor writings of Charles Dickens, A Bibliography and Sketch*, in *The Book-Lovers Library*, London, Elliot Stock, 1900.

⁹ *Cartas de Inglaterra*, Obras de Eça de Queiroz, Livros do Brasil, Lisboa, p. 87. A partir de 1888, outro autor e diplomata da época, Jaime Batalha Reis, pertencente ao círculo de Eça e de Ramalho, faz na sua *Revista inglesa* inúmeras referências a Dickens, mas apenas para o incluir na série dos maiores escritores ingleses.

autógrafos de Dickens no então museu de Kensington, do Dickens que ele diz ter lido e do qual diz que “fez verter da piedade e da ternura humana uma lágrima nova” e que “tão bem pintou os costumes dessa classe circunspecta, de cujo seio saíu Master Pickwick, o imortal D. Quixote da moderna cavalaria pacata dos mercadores de pano patente”¹⁰

Uma nova versão de *The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, agora como *O homem e o espectro*, foi publicada em Lisboa em 1888, com a novidade de ser precedida por “uma notícia biográfica do autor”, da autoria do tradutor, Pedro dos Reis, a quem poderíamos classificar de ‘tradutor de profissão’. Numa notícia sobre este trabalho, na secção “Livros” de *O Mensageiro litterario* do Porto, 1º ano, nº 10, 1888, define-se a situação dos literatos intervenientes:

“É bem conhecido o espírito humorístico e fino do grande romancista inglês [Dickens], para que tenhamos de o criticar perante o leitor. Cumpre-nos, apenas, informal-o de que a traducção foi confiada ao snr. Pedro dos Reys, cuja penna é assaz versada em trabalhos d’esta natureza.”

De Pedro dos Reis sabemos que, por razões que não esclarecemos, foi companheiro de prisão de Vieira de Castro, sobre quem publicou uma série de folhetins no *Primeiro de Janeiro*, antecedidos de uma carta de apresentação de Camilo Castelo Branco a Vieira de Meireles. Conviveu com diversos literatos e intelectuais da época, como João de Deus.

Do que diz este tradutor, vale a pena destacar a ideia de que Dickens apareceu na altura própria, quando o público inglês já estava cansado de Walter Scott e não tinha ainda alternativas.

Há que notar que aqui se referem pela primeira vez conjuntamente em Portugal os dois pólos que se destacam na obra do romancista britânico: a solidariedade no infortúnio e o humor.

Nos últimos anos do século, por entre repetidas publicações de alguns dos contos de maior êxito já citados, “O véu preto”, “A morte de um bêbedor” e *O homem e o espectro*, vão aparecendo alguns dos grandes romances: (*A Tale of two cities*, como *O Marquez de Saint-Evremont*¹¹ ou *Paris e Londres em 1793*, segundo uma informação pouco clara de Gonçalves Rodrigues, *Great expectations*, declaradamente traduzido do francês como *As*

¹⁰ *John Bull*, in *Obras Completas da Ramalho Ortigão*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943, respectivamente pp. 147, 119, 61 e 66.

¹¹ V. nº 31 da listagem que apresento.

grandes esperanças, e *The Posthumous Papers of the Pickwick Club*, como *As aventuras do Sr. Pickwick*).

Por entre os diversos contos, inclui-se como tal “O armário de carvalho”, mais uma vez revelador da origem francesa da maior parte das traduções. De facto, trata-se, segundo uma colectânea dickensiana (1882) de um prolífico tradutor francês, Amédée Pichot, de “La vieille armoire de chêne, épisode de l’Histoire de mon oncle”. Para os leitores portugueses, para os quais foi suprimida a segunda parte do título, tratou-se apenas de mais uma “historieta”¹², e o mesmo pode ter acontecido com alguns dos contos cuja origem não consegui identificar.

Este destaque de um episódio é fácil no que se refere aos romances de Dickens, pela extrema complexidade dos seus enredos, que combinam muitas vezes várias histórias que podem ser individualizadas, técnica pela qual alguns autores, como Poe, o criticaram. Na mesma colectânea francesa há um outro caso semelhante, “La fortune du nain, épisode de l’Histoire d’une maison à louer”, que não foi aproveitado por qualquer tradutor português, talvez pelo facto de que o texto completo de “A House to Let” fora já publicado como “Casa com escripto” em 1885, no periódico *A Palavra*, de Lisboa, e voltou a aparecer em 1897 como “Casa com escriptos”.

Ao terminar o século, é numa enciclopédia (*Encyclopedia Portuguesa Ilustrada*. Dictionario Universal publicado sob a direcção de Maximiano Lemos. Porto, Lemos & C^a, Successor 1899-1910) que vamos encontrar a primeira visão crítica global do romancista inglês. Não se trata com certeza de um texto original, mas merece destaque pelo que transmite ao público leitor português:

“Dickens teve o precioso dom de escrever em uma linguagem firme, nervosa, cheia de neologismos bem feridos. O seu estylo nada tem de classico, sendo até, por vezes, vulgar; mas esta falha artistica vê-se amplamente coberta pela exactidão e pelo pittoresco da expressão. Como nenhum outro dos seus compatriotas possui o espirito que se denomina *humour* e que ninguem soube ainda definir com rigor: espyrito de satira ligeira, subtil, contendo tantas palavras quantas as ideias. Os seus romances, um pouco longos, são d’uma composição incompleta, o que não obstou á sua enorme e merecida

¹² *Historiettes et récits du foyer par Charles Dickens* é o titulo da colectânea referida.

popularidade, quasi universal, em virtude das numerosas traducções das suas obras, dispersas por toda a parte.”

É já do século XX (1909) a primeira tradução de *David Copperfield*, que foi, juntamente com *Oliver Twist*, o romance de Dickens mais traduzido em Portugal (8 versões) com algumas reedições. A diferença reside no facto de duas traduções de *Oliver Twist* terem sido publicadas ainda no século XIX.

Embora a maioria das traduções esteja assinada ao longo do nosso século, só na década de 40 aparecem nomes mais conhecidos no meio literário: Ersílio Cardoso, tradutor de intensa actividade, sobretudo a partir do inglês, Maria Lamas (que adaptou *David Copperfield* do francês) e Agostinho da Silva, que resumiu brevemente o mesmo romance para a colecção “Antologia. Introdução aos grandes autores”, com uma curta Apresentação que resume as características de Dickens, reconhecendo que, positivas e negativas, se combinaram para o êxito da sua obra. Termina considerando que algumas das figuras que criou lhe dão um lugar “que o aproxima dos grandes romancistas como Cervantes, Tolstoi ou Balzac [...]” sendo difícil também, o que não é menos importante, negar-lhe um lugar entre os que mais se bateram no século XIX pelo desaparecimento de alguns dos males que trouxera consigo o desenvolvimento industrial da Inglaterra.

Foi ainda este romance que Cabral do Nascimento traduziu para a colecção “Os romances universais” da Portugália Editora (1969), colecção iniciada nos anos quarenta com grande qualidade tanto relativamente às obras escolhidas quanto aos tradutores. Infelizmente Dickens foi representado apenas por este romance e por *A loja de antiguidades*, numa tradução de Ersílio Cardoso.

Uma outra colecção merece destaque especial. Trata-se de “Obras escolhidas de autores escolhidos”, das Edições Romano Torres, à qual temos de reconhecer o mérito de ter divulgado entre nós inúmeros romancistas estrangeiros – atrevo-me a dizer na sua maioria inglesa, sobretudo Walter Scott – mas que infelizmente não apresentou versões integrais, mas adaptações, o que levanta o problema do valor do critério das omissões e, evidentemente, o do estilo.

No caso de Dickens, o principal tradutor foi Mário Domingues, responsável pelas versões de alguns dos grandes romances, como *Oliver Twist*, 1952, *Pickwick Papers*, 1953, *David Copperfield*, 1954, *Dombey & Son*, 1954, entre outros. Nesta sua

actividade teve uma intervenção que não pode ficar esquecida. A respeito dela há que fazer um pequeno historial.

A morte súbita de Dickens, 1870, interrompeu o romance *The Mystery of Edwin Drood*, em que ao enredo (ou enredos) se mistura um fio de um género então em formação, o romance policial, iniciado em França nos anos 60 por Émile Gaboriau e em geral considerado realmente criação de Conan Doyle, em Inglaterra, nos anos 90. Na verdade, embora os métodos sejam diferentes, o inspector Lecoq de Gaboriau tem jus a figurar na galeria dos detectives que têm dado origem a várias séries de romances policiais, sobretudo nos meados do nosso século.

Considerado o desenvolvimento de uma ideia de vinte anos atrás, o texto que nos ficou não é claro quanto ao desfecho, e John Forster, o biógrafo de Dickens (1872 - 74), não pôde adiantar grande coisa. O resultado foi uma série de tentativas para acabar o romance, as chamadas "unauthorised continuations".¹³

Desta actividade em torno de *Edwin Drood*, resultou que, não se tratando embora de um grande romance, tem uma longa bibliografia na Inglaterra e na América, onde surgiu o primeiro caso do que quase poderíamos chamar co-autoria. Inicialmente pensou-se que a responsabilidade desta empresa era de Wilkie Collins, mas trata-se realmente de um americano anónimo, que a publicou em folhetim no semanário *The Chimney Corner* (Nova Iorque e Londres, 1871), com o título *John Jasper's Secret*, aparecendo em volume em 1871 na América e em 1872 em Inglaterra, com o título "*John Jasper's Secret, being a narrative of Certain Events following and explaining The Mystery of Edwin Drood*". Considerada uma curiosidade literária, aparece muitas vezes no mercado ao dobro do preço do fragmento de Dickens.

A ideia de concluir esta obra foi muitas vezes retomada. Só em Inglaterra registei até 1952 treze versões, muito variadas, chegando a ser apresentadas como mensagem do Além através de um *medium*, como fez W.H.Harrison em 1878, autor do "*alleged post-mortem work by Charles Dickens*". É americano o que é considerado o melhor trabalho deste género: "*The Mystery of Edwin Drood Complete (Part 2 and of The Mystery of Edwin Drood. By the spirit-pen of Charles Dickens through a medium (Thomas P. James)*", 1873.

¹³ Houve também pelo menos uma tentativa de terminar o conto, em França. Todavia, esquecendo que se tratava de uma obra póstuma, a livraria Hachette publicou em 1887 os vinte e três capítulos originais, traduzidos por Charles Bernard Derosne, com a habitual indicação "Roman traduit de l'anglais avec l'autorisation de l'auteur", Paris, Hachette, 1887.

Mário Domingues, em 1958, decidiu completar o romance, explicando numa nota final:

“Tanto em Inglaterra, como em outros países, vários escritores continuaram e concluíram o romance que Dickens deixou, talvez a pouco mais de meio. A morte pareceu caprichar em arrebatá-los o autor no momento em que a intriga estava mais enredada e mais excitado o interesse do leitor. Por isso, houve editores que pediram à habilidade e à diligência de alguns romancistas que continuassem a desenvolver a história e a concluíssem, para que o leitor não se sentisse, por assim dizer, logrado na sua ansiedade e tão mal disposto como o guloso a quem tivessem retirado bruscamente da boca o delicioso manjar, no preciso instante em que mais regaladamente o saboreava.

Melhores ou piores, existem várias conclusões do *Mistério de Edwin Drood*; e, desde este momento, passa a existir mais uma, a do modesto tradutor português. É uma ousadia da nossa parte [...] sem qualquer veleidade de querer igualar-se ao génio criador de Charles Dickens, mas tão pouco somente no desejo de atenuar quanto possível a desoladora sensação que sempre nos causa um romance inacabado.

O tradutor, que se atreveu a colaborar com o grande romancista inglês, espera que o leitor, ao condenar-lhe as naturais deficiências, tenha em conta a boa vontade que ele teve em servi-lo o melhor que soube e pôde.”

Juntando mais quinze capítulos aos vinte e três de Dickens, Mário Domingues desenvolveu o enredo no sentido mais lógico para que apontava o texto inicial – a culpa de Jasper, o que, aliás, fez também a maioria dos outros autores.

Conseguiu manter o tipo de narrativa e até mesmo o estilo dickensianos, o que é um mérito que há que reconhecer. A figura de Datchery e a sua intervenção são bastante rocambolescas, mas também não estão fora do que é possível encontrar em Dickens. No conjunto, é uma história que se segue com interesse até ao fim, embora possamos dizer que o modo como as coisas se resolvem é algo precipitado, dando a impressão de que o autor enredara tudo de tal forma que lhe foi difícil arranjar a conclusão.

Entretanto, em 1940 foi publicada em Lisboa uma obra praticamente desconhecida. Trata-se de *The Life of Our Lord*, traduzida literalmente como *A vida de Nosso Senhor*. Dickens

escreveu-a (1846–49) para os filhos, como “narrativa familiar” (*The Children’s New Testament*), e recusou sempre publicá-la, tendo mesmo pedido que nunca a emprestassem.

Pelo testamento do filho mais novo, a mulher deste ficou com a liberdade de, juntamente com os seus filhos, resolver o destino a dar ao manuscrito, do que resultou a sua publicação, em 1934. Os pormenores deste processo constam do prefácio à edição portuguesa.

Nas décadas de 30 e 40 começaram a editar-se jornais juvenis independentes, criando um tipo de literatura que até então se não conseguira afirmar com regularidade. Destacam-se, na sua fase inicial, *O Faisca*, *O Mosquito* e *O Diabrete*, e já muito mais tarde *O Cavaleiro Andante*. Para além de passatempos e informações, estas revistas funcionavam muito na base do folhetim, pelo que, numa investigação aprofundada, poderão revelar novas traduções e adaptações, geralmente muito ilustradas, apontando o caminho para a banda desenhada, que levaria às edições de *A Christmas Carol* da Edinter, 1983 e 1984, para a organização internacional de Walt Disney.

Em 1945, a preceder uma nova tradução de *The Haunted Man and The Ghost’s Bargain* para as Edições Romano Torres, de Aurora Rodrigues, aparece o que é talvez o primeiro ensaio “sobre a vida e obra de Charles Dickens” da autoria de Gentil Marques, que declara:

“Hoje que tanto se fala sobre romance social e sobre a função de educador e de crítico a desempenhar pelo romancista moderno – é injusto e ingrato esquecer Dickens como um dos mais fervorosos precursores dessas novas correntes literárias.[...]”

Apesar de ter sido *Pickwick* a iniciar a sua espantosa popularidade, foi em *Oliver Twist*, publicado no *Bentley’s Magazine*, que Dickens levantou a flama que não mais havia de abandonar: pugnar pelos direitos dos infelizes, mostrar os horrores da sua vida, pôr a nu as manchas da sociedade.”

Bastante extenso, o ensaio de Gentil Marques ainda hoje merece ser lido pela muita informação que transmite e também pela apreciação crítica da obra de Dickens.

Talvez o título português (com segunda edição em 1952) possa ter influenciado o título da versão cinematográfica de *A Christmas Carol*, onde, em vez do *Scrooge* original, aparece *O homem e o espectro*, obra das mais traduzidas em português, geralmente com este título (7 versões).

Em 1950 é apresentada pela primeira vez uma tradução de *Hard Times*, de Domingues Arouca também para as Edições Romano Torres. Destaco-a porque, não tendo havido qualquer outra, foi o único romance que até hoje inspirou um cineasta português, João Botelho, que sobre ele fez o único filme na nossa língua inspirado num romance de Dickens: *Tempos difíceis*, 1988.

Nos anos 50, Armando de Moraes, que mais tarde viria a publicar a sua tradução de *David Copperfield*, renovou o formato dos livros escolares de inglês para o então 2º ciclo do ensino secundário, neles incluindo vários excertos de Dickens.

Em 1965 aparece em português a primeira colectânea de contos de Natal,¹⁴ numa edição da Editorial Ibis, que seria responsável por várias outras, mais algumas da autoria de Jaime Mas.

Mais uma vez há que clarificar o significado destes contos de Natal, geralmente publicados como números especiais das revistas por ele fundadas, *Household Words* e *All The Year Round*. Não se tratava propriamente de contos sobre o Natal, mas antes de histórias que faziam sobressair as qualidades que a época devia despertar: solidariedade e fraternidade entre os homens. Daí que muitos deles não façam sequer alusão ao Natal. Todavia, na maioria destas colecções portuguesas aparece geralmente com destaque *A Christmas Carol*, de que registei 21 versões em português.

A respeito destas colectâneas devo mencionar que, pelo facto de estarem geralmente integradas em colecções juvenis, os contos surgem em forma abreviada.

Ainda a propósito de *A Christmas Carol*, há que referir uma adaptação de Adolfo Simões Müller, em 1981, com o título *O Natal do velho avaro*, para as publicações Europa-América, esta mais dirigida às crianças.

Nos anos 60 e 70, a Radiotelevisão Portuguesa exibiu como filme de Natal várias versões da *A Christmas Carol*, cinco ou seis

¹⁴ Foram cinco os chamados "Contos de Natal" de Dickens, publicados entre 1834 e 1848: *A Christmas Carol*, *The Chimes*, *The Cricket on the Hearth*, *The Battle of Life* e *The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, tendo aparecido num só volume logo a seguir, tal como foram incluídos na 1ª edição das obras de Dickens, em 1852 (Chapman and Hall).

No entanto, Dickens conservou a tradição de uma história de Natal no último número de cada ano dos seus periódicos *Household Words* e *All the Year Round*, até 1868. Também essas foram reunidas em volume, em 1871.

As colectâneas publicadas em português misturam eventualmente os dois géneros.

das quais eu própria traduzi. A tradição não se perdeu, pois de então para cá tem sido este o tema de outros filmes dessa quadra, realizados para cinema ou especificamente para televisão.

Ao longo dos anos não deixaram de aparecer outras traduções de *David Copperfield*, *Oliver Twist*, *Great Expectations* e sobretudo contos de Natal. Estes foram seguindo as tendências do mercado, aparecendo em edições muito ilustradas e mesmo utilizando parcialmente a banda desenhada, sobretudo nas edições Ibis e Bertrand-Ibis.

Como mostra a listagem de filmes apresentados em Portugal, os grandes títulos foram também vistos entre nós desde 1935, sem grande desfasamento da sua realização. De entre eles há que salientar os grandes clássicos britânicos de David Lean, *Grandes esperanças*, 1946, com John Mills e Valerie Hobson, e *As aventuras de Oliver Twist*, 1948, com Alec Guinness. Presentemente é possível revê-los através do Telecine 2.

Também as seis traduções de *A Tale of Two Cities* tiveram a sua contrapartida cinematográfica: em 1940, no S. Luís, e em 1959 no S. Jorge, com os títulos de *Duas Cidades* e *À Sombra da Guilhotina*.

Mas o maior sucesso dickensiano no cinema foi com certeza a adaptação do musical *Oliver!*, com enorme êxito em Londres, feita por Carol Reed, com Mark Lester no protagonista¹⁵. Foi o filme de Natal de 1968, o próprio ano da sua realização, do Cinema Império, em Lisboa, e já foi apresentado algumas vezes na Televisão.

Mais algumas edições de contos (1973 e dois de 1978) têm sido iniciados com curtas notas sobre Dickens, que não podem comparar-se ao ensaio de Gentil Marques. Também as badanas das capas e sobrecapas de várias edições têm apresentado notas bibliográficas.

Entretanto, também a Universidade começou a debruçar-se sobre Dickens, e Álvaro Pina estudou *Bleak House* na *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 1985, e *Hard Times* e *Great Expectations* no volume *Dickens: a arte do romance*, Lisboa, Livros Horizonte, "Horizonte Universitário", no ano seguinte. Trata-se de um trabalho especializado, de nível completamente diferente das notas bio-bibliográficas que fomos encontrando ao longo deste percurso.

¹⁵ O musical para o teatro é da autoria do dramaturgo britânico Lionel Bart e estreou-se em Londres em 1960 com enorme e duradouro sucesso.

Cobrimos até aqui o percurso de Dickens em Portugal através de várias manifestações literárias e cinematográficas. Tendo-se deparado tão numerosa representação, resta perguntar qual a influência que a obra do romancista inglês terá tido entre nós.

Comecei este texto considerando que a divulgação das grandes obras, aquelas que mais representam Dickens, foi tardia, porque a realidade que elas nos transmitiam era estranha à nossa vida social e institucional (p.e. a *workhouse*) e poderia não ser muito atraente. Taine, na obra *Les écrivains anglais contemporains*, 1866, que constituiu o 5º volume da sua *Histoire de la Littérature Anglaise*, dá claramente conta desse distanciamento, comparando, por exemplo, o amor na sociedade vitoriana (contido, quase que programado, mas também hipócrita) com o amor na literatura francesa, aberto, violento mesmo e sem preconceitos. Os leitores franceses não compreendiam o comportamento vitoriano nessa área, tal como estranhavam outras coisas. Por exemplo, diz Taine, na literatura francesa não há crianças, e, à primeira vista, não se julgaria talvez que o assunto pudesse ser interessante.

A este respeito, e considerando “surpreendente” o número de crianças protagonistas que aparecem na obra de Dickens, Paul Davis cita Kathleen Tillotson (1956): “To put a child at the centre of a novel was virtually unknown when Dickens wrote *Oliver Twist* and *The Old Curiosity Shop*” e acrescenta:

“Dickens had an essentially romantic view of the child. Like Wordsworth’s “best Philosopher”, the Dickens child is often more in touch with his immortal origins than are the adults around him.”¹⁶

Em Portugal, passava-se algo de semelhante ao caso da França. Comparada com a literatura francesa, a portuguesa era um microcosmos, mas, à sua escala, não diferia muito dela. O amor dos romances de Camilo não tem nada a ver, por exemplo, com o das heroínas de *Bleak House*. Literatura sobre crianças não existiu no século XIX, a não ser em livros morais que se misturavam muitas vezes com a catequese. No século XX, as crianças apareceram como protagonistas de histórias escritas expressamente para elas e não apresentavam os quadros chocantes da miséria dickensiana.

Na verdade, nem na literatura de ficção dos finais do século XIX nem do que agora termina, encontrei qualquer traço que se possa considerar de influência dickensiana.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 68. Ainda sobre o assunto, vale a pena ler a entrada “Orphans”, p. 290.

Aliás, não se trata por certo de um caso excepcional. Pelas razões atrás mencionadas e porque o romance e o conto rapidamente evoluíram noutros sentidos, creio poder dizer que a obra de Dickens é um fenómeno literário que se lê com interesse, que se estuda como tendo a sua razão de ser em determinada época, mas que não se adequa às que se lhe seguiram.

Mesmo assim, e acompanhando a evolução da literatura infantil – ou, talvez melhor, para crianças –, romances como *Oliver Twist* e *David Copperfield* foram encarados como próprios para crianças, da mesma forma como aconteceu com outros clássicos da literatura inglesa, dos quais podemos citar *Robinson Crusoe* e *Gulliver's Travels*, todos eles criados pelos seus autores para destinatários bem diferentes.

A fechar, e numa descrição global de Dickens, é difícil resistir a citar Taine, na sua apreciação do romancista inglês, com alguma coisa da arrogância que a França sempre demonstrou face à Inglaterra.

“Au fond, les romans de Dickens se réduisent tous à une phrase, et la voici: Soyez bons et aimez; il n'y a de vraie joie que dans les émotions du coeur; la sensibilité est tout l'homme. Laissez aux savants la science, l'orgueil aux nobles, le luxe aux riches; ayez compassion des humbles misères; l'être le plus petit et le plus méprisé peut valoir seul autant que des milliers d'êtres puissants et superbes. Prenez garde de froisser les âmes délicates qui fleurissent dans toutes les conditions, sous tous les habits à tous les âges. Croyez que l'humanité, la pitié, le pardon, sont ce qu'il y a de plus beau dans l'homme; croyez que l'intimité, les épanchements, la tendresse, les larmes, sont ce qu'il y a de plus doux dans le monde. Ce n'est rien que de vivre; c'est peu que d'être puissant, savant, illustre; ce n'est pas assez d'être utile. Celui-là seul a vécu et est un homme, qui a pleuré au souvenir d'un bienfait qu'il a rendu ou qu'il a reçu”.¹⁷

¹⁷ Taine, *op. cit.*, p. 66.

Obras de Dickens traduzidas em Portugal

1. "Conto verdadeiro. O estalajadeiro de Andermatt." Ass.Boz. In *O Ramalhete*, Lisboa, vol. II, nº83, 22.8.1839. (TP, II, 5119; IL, 513; BN, J 346 B).
Não encontrei qualquer possível original.
2. "A familia Tuggs em Ramsgate. (Novella ingleza de costumes)". Ass. Dickens. In *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, vol. VI, nºs 39-41, 1847. (TP,II, 6484; IL, 641; BC 726; BN, J 1106 B)
["The Tuggses at Ramsgate", *Sketches by Boz*, 'Tales', IV. Publ. em folhetim, *The Library of Fiction*, 1836. Em vol., 1836-37.]
3. "Meu tio. Conto phantastico." Trad. Lopes, in *Estrela d'Alva*, Lisboa, vol. I, nos 18, 4.3. 1861 - vol.II, nº 1, Abril 1861.(TP, III, 9235; IL,801; BN, J 1106 B)
["My Uncle", *Household Words*, 1851, de colaboração com W.H. Wills.]
4. "A excursão em vapor". Por Charles Dickens. Versão do inglez. In *O Jornal do Porto*, Porto, 5º anno, nos 153, 11.7.1863 - 156, 15.7.1863. (TP, III, 9706; IL,815; BN, J 822 G)
["The steam excursion", *Sketches by Boz*, 'Tales', VII. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*, 1836. Em vol., 1836-37.]
5. "A familia Tuggs em Ramsgate". Por Charles Dickens. Versão do inglez. In *O Jornal do Porto*, Porto, 5º anno, nos 39, 19.2.1863 - 43, 24.2.1863. (TP, III, 9665; IL, 818; BN, J 822 G)
["The Tuggses at Ramsgate", *Sketches by Boz*, 'Tales', IV. Publ. em folhetim, *The Library of Fiction*, 1836. Em vol., 1836-37.]
6. "Horacio Sparkins". Por Charles Dickens, Versão do inglez. In *O Jornal do Porto*, Porto, 5º anno, nos 146, 3.7.1863 - 148, 7.7.1863. (TP, III, 9666; IL, 819; BN, J 822 G)
["Horatio Sparkins", *Sketches by Boz*, 'Tales', V. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*, 1834. Em vol., 1836-37.]
7. "Scenas n'uma casa de hospedagem". In *O Jornal do Porto*, Porto, 5º anno, nos 69, 27.3.1863-78, 9.4.1863. (TP, III, 9669; IL, 820; BN, J 822 G)
["The boarding-house", *Sketches by Boz*, 'Tales', I. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*,1834. Em vol., 1836-37.]
8. "O Senhor Minns e seu primo". Por Charles Dickens. Versão do inglez. In *Jornal do Porto*, Porto, 5º anno, nº 79, 10.4.1863; nº 80, 11.4.1863; nº 82, 14.4.1863. (TP, III, 9670; IL, 821; BN, J 822 G)
["Mr. Minns and his cousin", *Sketches by Boz*, 'Tales', II. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*, 1833, com o título "A Dinner at Poplar Walk". Em vol., 1836-37.]
9. "Um baptisado". Por Charles Dickens. Versão do inglez. In *O Jornal do Porto*, Porto, 5º anno, nos 31, 9.2.1863-34, 12.2.1863. (TP, III, 9662; IL, 822; BN,J 822 G)
["The Bloomsbury Christening", *Sketches by Boz*, 'Tales', XI. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*, 1834. Em vol., 1836-37.]
10. "Um duello como ha muitos". Por Charles Dickens. Versão do inglez. In *Jornal do Porto*, Porto, 5º anno, nos 35, 13.2.1863 - 38, 18.2.1863. (TP, III, 9663; IL, 823; BN, J 822 G)

- ["The Great Winglesbury Duel", *Sketches by Boz*, 'Tales', VIII. Publ. em folhetim. Em vol., 1836-37.]
11. "Uma representação de curiosos". Por Charles Dickens. Versão livre do inglês. In *O Jornal do Porto*, Porto, 5º ano, nº 165, 25.7.1863. Trata-se de uma versão muito reduzida. (TP, III, 9668; IL, 825; BN, J 822 G)
["Mrs. Joseph Porter", *Sketches by Boz*, 'Tales', IX. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*, 1834, com o título "Mrs. Joseph Porter, 'Over the Way'". Em vol., 1836-37. Foi o segundo conto publicado por Dickens.]
 12. "Uma lòa do Natal em prosa. Conto phantastico do Natal". Por Charles Dickens. Versão do original inglês. Versão de A.C. [por certo A.R. Cruz Coutinho, o proprietário do jornal.] In *O Jornal do Porto*, Porto, 5º ano, nº 291,22.12.1863 - 6º ano, nº 22, 28.1.1864. (TP, III, 9667; IL, 824; BN, J 822 G)
["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", London, 1843.]
 13. "Scenas da vida inglesa. Sentimentalismo". Por Charles Dickens. Versão do inglês por A.C. [por certo A.R. Cruz Coutinho, o proprietário do jornal.] In *O Jornal do Porto*, Porto, 6º ano, nos 77, 7.4.1864 e 78, 8.4.1864. (TP, III, 9854; IL, 837; BN, J 822 G)
["Sentiment", *Sketches by Boz*, 'Tales', III. Publ. em folhetim, *Bell's Weekly Magazine*, 1834. Em vol., 1836-37.]
 14. "Scenas da Vida Inglesa", e "Uma Loa de Natal em Prosa". Por Carlos Dickens.
Vertido do Inglês por A.C.*** [por certo A.R. Cruz Coutinho, o proprietário do jornal e responsável pelas versões que reuniu neste volume.] Porto, em casa de Cruz Coutinho, Typ. do Jornal do Porto, 1864. (TP, III, 9853; IL, 824 e 837; BC 2910)
[Inclui uma biografia de Dickens, pp. V-IX; "Scenas n'uma casa de hospedagem" "O senhor Augusto Minns e seu primo"; "Sentimentalismo"; "Os Tuggs em Ramsgate"; "Horatio Sparkins"; "O véo negro"; "A excursão em vapor"; "Um duello como ha muitos"; "Uma representação de curiosos"; "Um baptisado"; "Uma Loa de Natal em Prosa. Conto Phantastico do Natal"].
["Tales' várias de *Sketches by Boz*, publ. em folhetim, em vol. 1836-37, e "A Christmas Carol", in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", London, 1843.]
 15. "O veu negro". Por Charles Dickens. Lisboa, Typ. da Rua do Bem Formoso, 1865. TP(III, 10140) refere, com esta data, "O véo negro", 23 pp., segundo indicação do Cat. Rosenthal 68-729. (BN, L 78113 P).
Também TP (III,10141) indica ainda uma publicação em *A Nação*, Lisboa, nos 5199, 29.4.1865 - 5201, 2.5.1865. (TP, III, 10140 e 10141; IL, 857; BN, J 2976 G)
["The Black Veil", *Sketches by Boz*, 'Tales', VI. Trata-se de um dos 8 contos especialmente escritos para a ed. em vol., 1836-37.]
 16. "Uma lucta aerea. Por Carlos Dickens". Tradução do Inglês. Trad. A.C. [possivelmente A.R. Cruz Coutinho, já referido a propósito de várias traduções.] In *Diário de Notícias*, Lisboa, 2º ano, nº 416, 29.5.1866. (TP, III, 10440; IL, 865; BN, J 2501 G e F 5701).

- [Poderá tratar-se de uma das narrativas incluídas em "To be Read at Dusk", *Keepsake*, 1852.]
17. "Uma luta aerea". Carlos Dickens. Tradução do inglês. 1. In *Arquivo Popular*, Porto, vol. I, nº17, Maio, **1871**. (TP, IV, 11808; IL, 936; BN, J 1116 B)
[É o mesmo texto do nº anterior.]
 18. *Canticos do Natal*. Por Carlos Dickens. Trad. Eugenio de Castilho e nos 216, 18.3, 1876 e 224, 29.3. **1876** respectivamente (1847 – 1900). Biblioteca do Viajante. Lisboa, Typ. Luso-Britannica de W.T. Wood, **1873**. (TP, IV, 12321; IL, 962; BN, L 6862 P; BC, 2911-2911a)
["*A Christmas Carol*, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", London, 1843.]
 19. *As aparições da Noite de Natal* Por Carlos Dickens. Primeira Parte, O espectro de Marley; Segunda Parte. O primeiro espirito. In *O Diário da Manhã*, Lisboa, 2º anno, nos 162, 12.1.1876 – 212, 3. **1876** (a publicação foi interrompida aqui). (TP, IV, 13219; IL, 987; BN, J 657 M)
["*A Christmas Carol*, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", London, 1843.]
 20. *Canticos de Natal*. Lisboa, **1876**. (TP, IV, 13220, cat. Lamartine – Regina; IL, 988)
["*A Christmas Carol*, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", London, 1843.]
 21. *Oliveiro Twist ou os ladrões de Londres*. Por Charles Dickens. Trad. F. F. da Silva Vieira [Francisco Ferreira da Silva Vieira (1831-1888), tradutor e autor dramático, que foi tipógrafo e revisor de vários jornais, *O Povo*, *Diário das Cortes* e *Diário Popular*]. In *Diário Popular*, nos 3320, 8.3. **1876** – 3968, 15.1. **1878**. (TP, IV, 13221, com a data errada 1877; IL, 997; BN, J 1027 G e F 4506-4615)
[*Oliver Twist*, 1837-38.]
 22. *A batalha da vida*. Carlos Dickens. Romance inglês. Trad. do original por Augusta Martins. In *O Commercio do Porto*, Porto, XXVI anno, nos 240, 5.10.1879 – 265, 1.11. **1879**. (TP, IV, 14154; IL, 1032; BN, J 20045 G e F 5700)
[*The Battle of Life*, 1846.]
 23. *Oliverio Twist. Aventuras de um orphão*. Romance inglês. Trad. do original. Por Augusta Martins. In *O Commercio do Porto*, Porto, XXVI anno, nos 80, 3.4.1879-239, 4.10. **1879**. (TP, IV, 14155; IL, 1034; BN, J 2045 G e F 5700)
[*Oliver Twist*, 1837-38.]
 24. *O perseguido pelo espectro*. Carlos Dickens. Novella inglesa, trad. do original por Augusta Martins. In *O Commercio do Porto*, Porto, XXVI anno, nos 268, 6.11.1879 – 296, 7.12. **1879**. (TP, IV, 14156; IL, 1036; BN, J 2045 G e F 5700.)
[*The Haunted Man and The Ghost's Bargain*, 1848.]
 25. *Vida e aventuras de Nicolau Nickleby*. Carlos Dickens. Romance inglês. Trad. do original por Augusta Martins. In *O Commercio do Porto*, Porto, XXVII anno, nos 174, 8.7. **1880** – XXVIII anno, 135, 5.6. **1881**. (TP, IV, 14556; IL, 1062; BN, J 2045 G e F 5700)
[*Nicholas Nickleby*, 1838-39.]

26. "A morte de um bebedo". In *Folha Nova*, Porto, nº 3, 6.3.1882. (TP, IV, 15276; IL, 1091)
["The Drunkard's Death", *Sketches by Boz*, 'Tales', XII. Este conto foi escrito especialmente para a edição da 2ª série, 1837.]
27. "Casa com escripto". In *A Palavra*, Lisboa, 25.6.1885 – 26.8.1885. (TP,IV, 16428; IL, 1130, BN, P 590)
["A House to Let, being the extra Christmas number of *Household Words*". London, 1858.]
28. "Morte d'um bebedo". De Carlos Dickens. Trad. Elba [Elba Castello-Branco]. In *Correio da Beira*, Castelo Branco, 4º anno, nos 186, 6.11.1887 e 187,13.11.1887. (TP, IV, 17319; IL, 1159; BN, J 1021 G)
["The Drunkard's Death", *Sketches by Boz*, 'Tales', XII. Este conto foi escrito especialmente para a edição da 2ª série, 1837.]
29. "O veu preto". Por Carlos Dickens. In *Correio da Beira*, Castelo Branco, 4º anno, nos 183, 16.10.1887 e 184, 23.10.1887. (TP,IV, 17320; IL, 1161; BN, J 1021 G)
["The Black Veil", *Sketches by Boz*'Tales', VI. Trata-se de um dos 8 contos especialmente escritos para a ed. em livro, 1836-37.]
30. *O homem e o espectro* por Carlos Dickens. [Seguido de "Horacio Sparkins".] Versão de Pedro dos Reys. Com uma noticia biographica do autor. Lisboa, David Corazzi, Typ. das Horas Românticas, 1888. Bibliotheca universal antiga e moderna, 2ª série, 5.
[Esta obra suscitou uma pequena noticia em *O Mensajeiro Litterario*, Porto, 1º anno, nº 10, 1888, na "Secção Bibliographica. Livros": "Acaba de ser publicada pela Bibliotheca Universal, de que é director o illustre escriptor Fernandes Costa [...] a traducção foi confiada ao snr. Pedro dos Reys, cuja penna é assaz versada em trabalhos d'esta natureza." (TP, IV, 17862; IL, 1170 e 1171; BN, F.A., 3618, L 11384//2 P e L 56423 P; BC, 2906 e 2963)]
[*The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, 1848.]
31. *O Marquez de Saint-Evremond ou Paris e Londres em 1793*. Segundo TP, in *O Conciliador*, Lisboa, 1887 e 2.4.1888. [O periódico não foi localizado. Tratando-se de um romance extenso, a sua publicação deverá ter decorrido durante estes dois anos] (TP, IV, 17318; IL, 1158) [TP regista "Evremond em 1887 e "Evremont" em 1888. A grafia correcta é "Evrémonde"]
[*A Tale of Two Cities*, 1859.]
32. "A morte do bebedo" por Carlos Dickens. Trad. Pedro dos Reys. Lisboa, David Corazzi, 1888. Numa colectânea da Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, 5ª série, nº 20, iniciada com o vol. III (sexta parte) de *O Diabo no Campo*, de George Sand. (TP, IV, 17864; IL, 1173; BN, L 15413 P)
["The Drunkard's Death", *Sketches by Boz*, Tales, XII. Este conto foi escrito especialmente para a edição da 2ª série, 1837.]
33. *As grandes esperanças*. Trad. do fr. In *Madeira Liberal*, Funchal, 4.7.1889 – 31.12.1890 (TP, IV, 18371; IL, 1183)
[*Great Expectations*, 1860-61.]
34. *O homem e o espectro*. [Seguido de "Horacio Sparkins".] Charles Dickens. Versão de Pedro dos Reis. Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1889. [Trata-se de uma indicação que não pude confir-

mar. A existir, é mais lógico considerar que a “2ª edição, Lisboa, A Editora, 1905” (BC, 2948) é consequência directa desta e não daquela a que se refere o nº 30.]

[*The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, 1848.]

35. “O abysmo”, Abertura e 4 actos, seguido de “O sr. Minns e o seu primo” e “O véo preto”. Carlos Dickens e Wilkie Collins. Versão de Joaquim dos Anjos. Lisboa, Companhia Nacional Editora, **1890**. Bibliotheca universal antiga e moderna, 15ª série, 58-59. (TP 18874, IL, 1196, 1199, 1200; BN, L 56430 P; BC, 2997-2997a só refere “O Abysmo”.)

[“No Thoroughfare”, número de Natal de um dos periódicos ed. por Dickens, *All the Year Round*, 1867; “Mr. Minns and his cousin” e “The Black Veil”, *Sketches by Boz*, Tales II e VI, este especialmente escrito para a ed. em livro, 1836-37.]

Houve adaptações teatrais inglesas em 1867: *No Thoroughfare*. A drama in five acts. Altered from the Christmas story, for performance on the stage. By Charles Dickens and Wilkie Collins [with the collaboration of Charles A. Fechter]. London, Office of All the Year Round, 1867. Em 1868 houve uma versão americana não autorizada: “*No Thoroughfare*. A drama in four acts. By Louis Lequel. Dramatised from the Christmas story of Charles Dickens and Wilkie Collins. As performed at Mrs. F. B. Conway's Park Theatre, Brooklyn, New York, January 6, 1868.”

A adaptação dramática francesa, *L'Abime*. Drame en cinq actes, et onze tableaux. Par Charles Dickens [or, rather, translated from the play by Dickens and William Wilkie Collins]. Deuxième édition. Paris, 1868, terá sido a origem da tradução portuguesa levada à cena no Teatro do Príncipe Real em **1869** e depois no Teatro de D. Maria, “drama em cinco, actos, um prologo e onze quadros”, segundo a notícia publicada in *O Contemporaneo*, 1º Ano, nº 8, Abril **1875**, por Pedro Vidoeira.

Mais uma vez se comprova a origem francesa do texto traduzido, quando encontramos ainda no século XX o título “O Abismo”, tal como iria acontecer em Espanha, onde “EL Abismo” apareceu em 1890 e uma “traduccion directa del inglés por Gonzalo de Ayarta” com o mesmo título em 1923.

36. “O Abysmo”, Lisboa, **1891**. [A data 1891 não corresponde à cota L 56430 P, que é a do nº 35. Não encontrei qualquer exemplar de 1891.] (TP, IV, 19295; IL, 1209)

[“No Thoroughfare”, de Dickens e Wilkie Collins. *All the Year Round*, número de Natal 1867.]

37. “O armário de carvalho”. Carlos Dickens. In *A Aurora de Cintra*, Sintra, 5.11.1893 – 7.1.1894. (TP, IV, 19987; IL, 1230; Biblioteca Municipal de Sintra, 88-J-3/1 nº198/C5NT)

[Através de uma colectânea francesa, “*Historiettes et récits du foyer par Charles Dickens*. Traduction de M. Amédée Pichot. Nouvelle édition, Paris, Calmann Lévy, Editeur, 1882”, fiquei a saber que este texto é um episódio de uma obra a que é dado em francês o título “Histoire de mon oncle”, (v. nº 3). O destaque do episódio sugere uma tradução feita a partir do francês: “La vieille armoire de chêne”.]

- ["My Uncle", *Household Words*, 1851, de colaboração com W.H. Wills.]
38. "O véo preto". Por Carlos Dickens. In *A Leitura. Magazine Litterario*, 1º ano, VI, p. 381. Lisboa, Antiga Casa Bertrand, **1894**. (IL, 1250; BN, PP 5079 P)
- ["The Black Veil", *Sketches by Boz*, Tales, VI, trata-se de um dos 8 contos especialmente escritos para a ed. em livro, 1836-37.]
39. "Casa com escriptos". Por Carlos Dickens. Trad. José Sarmento. Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, **1897**. Nova Colecção Pereira, nº8. (TP, IV, 21386; IL, 1283; BN, L 14059 P e L 18592 P; BC, 3025)
- ["A House to Let, being the extra Christmas number of *Household Words*". London, 1858.]
40. *As Aventuras do Sr. Pickwick*. Romance de Charles Dickens. Versão portuguesa de Henrique Lopes de Mendonça. Lisboa, Typ. Rua da Barroca, **1897-98**. (TP, IV, 21385; IL, 1281; BC, 2918-2918b)
- [*Pickwick Papers*, em folhetim 1836-37, em volume 1837. Na British Library há uma versão "abridged", que poderá ter sido utilizada para algumas traduções: 12638. a. 83.]
41. "A fortuna de um estudante". Lisboa, **1899**. (TP, IV, 21957; IL, 1295)
- ["The Schoolboy's Story", *Household Words*, 1853.]
42. "Horacio Sparkins". In *A Voz da Beira*, Oliveira do Hospital, Anno 1, nos 38, 30.7.1899 – 45, 17.9.1899. (TP, IV, 21958; IL, 1296; BN, J 779 M)
- ["Horatio Sparkins", *Sketches by Boz*, 'Tales', V. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*, 1834.]
43. "A nau branca". Conto de Charles Dickens. Trad. Amelia Delfim. In *O Reporter*, Lisboa, 6.9.1899. (TP, IV, 21959; IL, 1298; BN, J 1396 A)
- [Não consegui identificar o original. Poderá ser um dos relatos incluídos em "The Long Voyage", 1853.]
44. "Scenas n'uma casa de hospedagem". Por Carlos Dickens. In *A Voz Publica*, Ano II, nos 3016, 21.1.1900 – 3025, 27.1 e 3.029, 11.2.1900. (TP, IV, 22198; IL, 1306; BN, J 3135 G)
- ["The boarding-house", *Sketches by Boz*, 'Tales', I. Publ. em folhetim, *Monthly Magazine*, 1834. Em vol., 1836-37.]
45. "O véo negro". Por Carlos Dickens. In *A Voz Publica*, Porto, Ano II, nos 3014 e 3015, 14.1.1900-16.1.1900. (TP, IV, 22199; IL, 1307; BN, J 3135 G)
- ["The Black Veil", *Sketches by Boz*, 'Tales', VI. Trata-se de um dos 8 contos especialmente escritos para a ed. em livro, 1836-37.]
46. *David Copperfield*. Versão de Jayme Filinto. Porto, Lemos, **1909**. (BC, 2953-2953b).
- [*David Copperfield*, 1849-50]
47. *Oliveiros Twist* (Romance inglez.) Versão de J. C. Porto, Lemos, **1910**. (BC, 3002 – 3002₂)
- [*Oliver Twist*, 1837-38.]
48. "Para o abysmo". Trad. Câmara Lima. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, **1913**. [Há 2ª ed, mesmo local, mesma editora, 1926.] (BN, L 20998/9 P e L 302871 P; BC, 2974)
- ["No Thoroughfare", número de Natal de *All the Year Round*, 1867.]

49. *As vozes dos sinos*. Trad. Pandemonio. Lisboa, Guimaráes & C^a Editores, **1913**. Horas de leitura, 96. (BC, 3034-30343)
[*The Chimes*, a goblin story of some bells that rang an old year out and a new year in". London, 1844. Trata-se do segundo livro de Natal, escrito durante uma visita a Itália em 1844 e publ. nesse mesmo Natal, mas com data de 1845.]
50. *Contos de Natal*. Trad. Câmara Lima. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, **1914**. Autores celebres. (BN, L 7.736/7V; BC, 2914). [Há 2^a ed. de 1926 e 3^a de 1936, ambas da mesma editora. (Respectivamente BN, L 20960/1 P; BC 2915-29152; e BN, L 26422 P)
Inclui "O guinéu da côxa", apócrifo, publ. Lisboa, 1956 (v. 75); "O vendedor ambulante" ("Dr. Marigold's Prescriptions", 1865); "O guarda-chuva do Sr. Thompson" ("A Holiday Romance", 1868)
[No que se refere ao original de "O guarda-chuva do Sr. Thompson", indicado no próprio texto, não deixo de levantar uma dúvida: em "Somebody's Luggage", 1862, o 3^o e último capítulo, da autoria de Dickens, tem como título "His Umbrella". Poderá haver um engano por parte do tradutor. (V.95)], "Aventuras d'um commissionista", "Uma senhora caritativa" ("Somebody's Luggage".) e "Vingança".
51. *O espectro* e "A fortuna de um estudante". Seguidos de "William Wilson", de E.A. Poe. Trad. Câmara Lima. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, **1914** Autores celebres. (BN, L 7811 V, L 13864 P e L 30264 P e L 22025/6 P; BC, 2908-29082); [Há 2^a ed de 1928, da mesma editora (L 29344 P)]
[*The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, 1848, e "The Schoolboy's Story", *Household Words*, 1853.]
52. "A morte do bêbado". Trad. António Guerra. Com curta apresentação de Dickens pelo tradutor. Lisboa, Delta, **1923** (entrada na BN). Desenho de A. Coutinho e F. dos Santos. Novelas e contos. [BN, L 19833¹¹ P e L 2177114 P]
["The Drunkard's Death", *Sketches by Boz*, 'Tales', XII, especialmente escrito para a 2^a série, 1837.]
53. *A guilhotina*. Trad. António Ruas. Coimbra, Coimbra Editora, **1924**. (BN, L 5709 P e L 31839 P; BC 4043) [Há outra ed. 1947, Lisboa, Inquérito. (L 13669 V)]
[*A Tale of Two Cities*, 1859.]
54. *Contos do Natal*. Versão J.J. Teixeira Botelho. Lisboa, Ferreira & Oliveira, **1925**. Obras primas. (BN, L 11364//2 P e L 11369 P; BC, 2913-2913₃) Inclui "A canção do Natal. Em prosa. Conto de phantasmas" e "O Grillo na lareira. Conto de fadas domesticas". ["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843. "The Cricket on the Hearth a Fairy Tale of Home". Publ. 1845, com data 1846.]
55. *O grilo da lareira e Atala*. Charles Dickens e Chateaubriand. Trad. Barros Ferreira. Porto, Editora Educação Nacional, **1937**. Col. Civilização, Série vermelha, 6. (BN, L 31029 P; BC, 3007⁴)
["The Cricket on the Hearth. A Fairy Tale of Home". Publ. Dez. 1845, com data 1846.]

56. *As aventuras do Senhor Pickwick* (abreviado). Trad. José Alves. Porto, **1938**. (BN, L 31567 P; BC, 2998-2998.) [*Pickwick Papers*, em folhetim 1836-37, em vol. 1837.]
57. *A vida de Nosso Senhor*. Versão de Garibaldi Falcão. Lisboa, Editorial Minerva, **1940**. (BN, R 29904 P; BC, 2956-29562) [*The Life of Our Lord*. Written expressly for his children by Charles Dickens, com o título *The Children's New Testament*, 1846-49. Publ. Associated Newspapers, 1934.]
58. *David Copperfield*. Adapt. portuguesa por Maria Lamas (do francês). Porto, Casa do Livro, **1941**. (BN, L 33941 P). [Há outras ed. 1955 (BN, L 44385 P); Lisboa, Casa do Livro, 1959 (BN, L 44385 P) e 1979 (BN, L 8091 P) [*David Copperfield*, 1849-50.]
59. *Oliveiros Twist*. Traduzido do inglês. Lisboa, Aillaud & Lellos Limitada; Lello & Irmãos, Porto. [Um exemplar da BN tem como data de entrada 17.XII. **1942**. A editora tem apenas uma indicação de 1945, o que leva a pensar na existência de 2 edições, o que a comparação dos 3 exemplares existentes na BN parece confirmar.] Coleção Lusitania n^{os} 66 e 67. [BN, L 34949-50 P, L 35262-63 P, L 35456-57 P] [*Oliver Twist*, 1837-38.]
60. *Copperfield na escola*. Trad. Agostinho da Silva. Famalicão, Minerva, **1944**. Antologia. Introdução aos grandes autores, 7^a série. [Não se trata de trad., mas de uma versão muito reduzida.] (BN, L 1308310 V; BC, 2905) [*David Copperfield*, 1849-50.]
61. "A espinha mágica". Charles Dickens. "O rei do Rio do Ouro". John Ruskin. Trad. Luísa Derouet. Ilust. Manuel Ribeiro. Lisboa, Portugalíia Editora, **1944**. Biblioteca das Crianças, 5. (BN, P 3577 V e L 131361 V; BC, 29841) [Há 3^a ed, s.d. (BC, 40491) e outra de 1966, também da mesma editora (BN, P 3482 V). ["The Magic Fishbone", a 2^a de 4 contos publ. como "Holiday Romance", *All the Year Round*. O conto de Dickens e o de Ruskin ("The King of the Golden River", 1841, publ. 1851) aparecem já reunidos pelo menos numa ed. de Londres, OUP, 1939.]
62. "O grilo da lareira". Trad. Margarida Barbosa. Lisboa, Gleba, **1945**. Contos e novelas, 231. (BC, 2958) ["*The Cricket on the Hearth*. A Fairy Tale of Home". Publ. Dez. 1845, com data 1846.]
63. "O homem e o espectro". Versão do original inglês de Aurora Rodrigues (Dora). Precedido de um breve ensaio por Gentil Marques. Seguido de "A canção de Natal". Lisboa, Romano Tórres, **1945**. Obras escolhidas de autores escolhidos, 3. (BN, L 36687 P; BC, 2995) [Tem 2^a ed. 1952, (BN, L 40825 P) e 3^a 1959 (BN, L 54601 P; BC 4046)] [*The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, 1848, e "A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", London, 1843.]
64. *As aventuras do senhor Pickwick*. Versão de Raul Feio. Ilust. Álvaro Duarte de Almeida. Lisboa, Ed. Romero, **1945**. (BN, CG 5998 P; BC, 3712-3712a₂) [*Pickwick Papers*, em folhetim 1836-37, em volume 1837.]

65. A loja de antiguidades. Trad. Carlotta Meireles e José Parreira Alves. Lisboa, Editorial Inquérito, **1946**. Obras completas de Charles Dickens 2. (BN, L 13463 V; BC, 2980)
[*The Old Curiosity Shop*, 1841.]
66. *Grandes esperanças*. Trad. José Parreira Alves. Lisboa, Ed. Inquérito, [1946, por estimativa da editora, dado o ritmo a que foram publicados os 3 volumes do que se propunha ser a colecção das obras completas de Dickens: *A Loja de Antiguidades*, 2, em Outubro 1946, e *A guilhotina*, 3, em Fevereiro de 1947. Segundo essa lógica, este volume teria aparecido no início de 1946]. Obras completas de Charles Dickens, 1. [BN, L 13247 V]
[*Great Expectations*. In *All the Year Round*, 1860-61. Em vol. 1861.]
67. *Aventuras de Pickwick*. Ilust. Laura Costa. Porto, Livraria Latina Editora, **1947**. Pinóquio: Biblioteca infantil latina, 12. (BN, L 39033//3 P)
[*Pickwick Papers*, em folhetim 1836-37, em volume 1837.]
68. "Balada do Natal". Trad. Margarida Barbosa. Lisboa, Editorial Gleba, **1947**. (BN, L 38152 P; BC, 3017 - 30172)
["*A Christmas Carol*, in Prose: Being a Ghost Story of Christmas", London, 1843.]
69. *A guilhotina*. Trad. António Ruas. Lisboa, Editorial Inquérito, **1947**. Obras completas de Charles Dickens, 3. (BN, L 13669 V; BC, 2907 - 29072.)
[*A Tale of Two Cities*, 1859.]
70. *Tempos difíceis*. Trad. Domingues Arouca. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1950**. Obras escolhidas de autores escolhidos, 15. Direcção de Gentil Marques. (BN, L 39774 P; BC, 3018) Há 2ª ed., s. d. (BN, L 46585 P) e 3ª, de 1973 (BN, L 67152 P)
[*Hard Times, for these times*. Em folhetim, *Household Words*, e em volume no mesmo ano, 1854]
71. *A estranha história de Oliver Twist*. Trad. Mário Domingues. Lisboa, ed. Romano Torres, **1952** (BN, L 40826 P; BC, 2916) [Há 2ª ed 1955 (BN, L 43864 P); 3ª 1968 (BN, L 61453 P; BC, 1968); 4ª 1973 (BN, L 68417 P). Obras escolhidas de autores escolhidos, 20.
[*Oliver Twist*, 1837-38.]
72. *As aventuras extraordinárias do senhor Pickwick*. Trad. Mário Domingues. Lisboa, ed. Romano Torres, **1953**. (BN, L 42006 P; BC, 2917) [Há 2ª ed 1962, indicando o autor como Mário José Domingues (BN, L 53119 P; BC, 4044)] Obras escolhidas de autores escolhidos, 24.
[*Pickwick Papers*, em folhetim 1836-37, em volume 1837.]
73. *David Copperfield*. Trad. Mário Domingues. "À maneira de prefácio", de Gentil Marques. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1954**. (BN, L 42698 P) 3ª ed. 1969 (BN, L 50092 P e L 62142 P)
[*David Copperfield*, 1849-50]
74. *Dombey & Filho*. Trad. Mário José Domingues. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1954** (L 54236 P). [Há outra ed. 1959. (BN, L 54236 P; BC, 4041)] Obras escolhidas de autores escolhidos, 49.
[*Dombey and Son*, 1847-48]
75. "O guinéu da coxa". Lisboa, Fomento de Publicações, **1956**. Trad. revista por M. Correia. Capa de Bernardo Marques. Mosaico.

Pequena antologia de obras-primas 83, Direcção literária de Manuel do Nascimento. (BN, J 877 B, J 289 P e J 380 B; BC, 683-6832)

[*Mrs. Lirriper's Legacy*, cap. III. A autora é Rosa Mulholland, mais tarde *Lady Rosa Gilbert*. Foi publicado no n.º de Natal de 1864 de *All the Year Round*, ed. por Dickens, facto que terá dado origem à confusão da autoria. A origem do título é a trad. italiana de 1884, "La Ghinea della povera zoppa".]

76. *O romance da família Chuzzlewit*. Trad. Mário Domingues. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1956**. (BN, L 44885 P; BC, 2983)
[*The Life and Adventures of Martin Chuzzlewit*, 1843-44.]
77. *Um Cantico de Natal*. In *As mais belas histórias de Natal*. Selecção de Miguel Urbano Rodrigues. Prefácio de Aquilino Ribeiro. Desenhos de Carlos Ribeiro. Lisboa, Editora Arcádia Limitada, **1958**. (BN, L 47361 P)
Trata-se de uma versão abreviada.
["*A Christmas Carol*, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843.]
78. *O mistério de Edwin Drood*. Trad. integral e conclusão Mário Domingues. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1958**. Obras escolhidas de autores escolhidos, 43. (BN, L 48743 P; BC, 4048)
[*The Mystery of Edwin Drood*, que a morte de Dickens deixou incompleta, 1870. Vários autores americanos e ingleses propuseram uma conclusão, logo em 1871. A última que registei é inglesa, de 1952. Relativamente às que conheço, a de Mário Domingues é original.]
79. *Duas cidades, Um Amor*. Trad. António Vilalva. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1961**. (BN, L 51867 P)
[*A Tale of Two Cities*, 1859.]
80. *A pequena Dorritt*. Não indica o tradutor. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1961-62**. Obras escolhidas de autores escolhidos, 57-58. (BN, L 52822/23 P; BC, 2912-2912a)
[*Little Dorrit*, 1855-57.]
81. *A casa abandonada*. Trad. Mário Domingues. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1964**. Obras escolhidas de autores escolhidos, 65-66. (BC, 4051-4051a)
[*Bleak House*, 1852-53.]
82. *Contos de Natal*. Trad. Jaime Mas. Ilust. Alfredo Barra Montilla. Amadora, Ed. Ibis, Bertrand, **1965** [DL]. (BN, L 59207 P)
Em 1973 [DL], esta ed. apareceu, até com a mesma capa como 1.ª ed. da série "Selecção", 43. (BN, L 65896 P)
[Os contos de Natal de Dickens foram reunidos pela primeira vez em vol. na ed. Chapman and Hall, em 1869. Cito a que consultei: *Christmas' stories from Household Words and All the Year Round and other stories by Dickens. With 34 illustrations*. London, Chapman & Hall, Ld, 1894.
Inclui: "O relato do parente pobre" ("The Poor Relation's Story", 1852) "O caminhante" [A personagem central do conto "Tom Tiddler's Ground", 1861, é *The Traveller*, que se cruza com várias figuras que, se merecem ajuda, o acompanham no regresso.

- Poderá tratar-se aqui de um aproveitamento do tema e das duas crianças intervenientes.], “O naufrágio da “Maria Dourada” (“The Wreck of the Golden Mary”, 1856, de colaboração com Wilkie Collins), “Os sete viajantes pobres” (The Seven Poor Travellers”, 1854), “A história de Richard Doubledick” (originalmente incluída no conto anterior, constituído o 2º capítulo), “A ilha do tesouro” e *Canção de Natal* (A *Christmas Carol*, 1843, o último dividido em “estâncias”. Talvez com excepção dos 2 últimos, os contos foram abreviados.)
83. *História de duas cidades*. Trad. Jaime Mas. Lisboa, Bertrand, Ibis, **1967** [DL]. Histórias, 56. (BN, L 59279 P)
[*A Tale of Two Cities*, 1859.]
84. *O homem e o espectro*. Trad. José Fernandes. Lisboa, Arcádia, **1967**. Biblioteca Arcádia de Bolso, 88. (BN, L 60176 P e L 60272 P)
[*The Haunted Man and the Ghost's Bargain*, 1848.]
85. *David Copperfield*. Adapt. Genoveva Bernard de Ferrer. Trad. J. Ferreira. Lisboa, Bertrand, **1969** [DL]. Histórias, 7 (BN, L 62142 P). Há outra ed. Amadora, Bertrand, 1973. (BN, L 67015 P)
[*David Copperfield*, 1849-50.]
86. *David Copperfield*. Trad. Cabral do Nascimento. Lisboa, Portugália Editora, **1969**. Os romances universais, 42. (BN, 19868 V; BC, 2909)
Há 2ª ed., Lisboa, Ed. Romano Torres, s. d. (BN, L 50092 P) e 3ª, Lisboa, Círculo de Leitores. Coleção Clássicos da Literatura Universal, 1971 [DL]. (BN, L 20892 V e também um registo sonoro lido por Helena Falé, 1995, em 21 cassettes de 90 minutos).
[*David Copperfield*, 1849-50.]
87. *Contos de Natal*. Adapt. José Dinis Zambujo. Amadora, Ibis, **1970**. Histórias; infantil; 11. (BN, L 63549 P)
Inclui os mesmos contos que as ed. 1965 e 1973 (V. 82)
88. *Cântico de Natal. O grilo na lareira*. Lisboa, Verbo, **1971**. Livros RTP, Biblioteca Básica Verbo, 59. (BC, 4103)
[“A *Christmas Carol*, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas”, 1843.
“*The Cricket on the Hearth. A Fairy Tale of Home*”. Publ. Dez. 1845, com data 1846.]
89. *Histórias fantásticas*. Walter Scott/Charles Dickens. Trad. Lígia Maria Barroso. Revista por Pedro Reis. Lisboa, Amigos do Livro. Editores, **1973** [DL]. (BN, L 67066 P)
[Inclui: “O décimo terceiro jurado” (“To be taken with a grain of salt”, da colectânea *Doctor Marigold's Prescriptions in All the Year Round*, 1865), “A história da mulher a dias”, “A árvore de Natal” (“The Holly Tree: *Three Branches*”, 1855), “A chave da rua ou Londres à noite” (“A Nightly Scene in London”, *All the Year Round*, 1856) e “O espectro do túnel” (“The Signalman”, da colectânea *Mugby Junction*, in *All the Year Round*, 1866).
Numa curta apresentação é dito que estes contos foram extraídos das colectâneas *Doctor Marigold's Prescriptions* e *Mugby Junction*.]
90. *Oliver Twist*. Versão portuguesa de Cabral do Nascimento. Ilust. Beuville. Lisboa, Verbo, **1974** [DL]. Clássicos Juvenis Verbo. (BN, L 23082 V)

91. *Grandes esperanças*. Trad. Armando de Moraes. Lisboa, Celidís, **1975** [DL]. Clássicos da literatura mundial. (BN, L 23256 V) [Há 2ª ed. Lisboa, Círculo de Leitores, 1979. (BN, L 27265 V)] [*Great expectations*. In *All the Year Round*, 1860-61. Em vol. 1861.]
92. *Grandes esperanças*. Trad. Carmen Gonzalez. Mem Martins, Europa-América, **1975**. Coleção Livros de Bolso Europa-América, 120. (BN, L 69485 P) [Há nova ed. 1998, mesma editora. Clássicos, 43. (BN, L 58115 V)] [*Great expectations*. In *All the Year Round*, 1860-61. Em vol. 1861.]
93. *História de duas cidades*. Trad. Daniel Augusto Gonçalves. Porto, Livraria Civilização, **1975**. (BN, L 23521 V) [*A Tale of Two Cities*, 1859.]
94. *O homem e o espectro* Trad. Maria Graciete Alves. Capa Luiz Duran. Lisboa, Editores Associados, **1975** [DL]. Coleção Livros Unibolso, 85.
Tem a indicação “texto integral”. (BN, L 68720 P) [*The Haunted Man and the Ghost’s Bargain*, 1848.]
95. *Contos de Natal*. Trad. João Costa. Ilust. Manuel Dias. Lisboa, Círculo de Leitores, **1976** (BN, L 24781 V) [Há 2ª ed. 1978. (BN, L 26544 V)] [*Christmas stories*, reunidos em vol. 1852.]
Inclui: *A canção de Natal* (*A Christmas Carol*, 1843), “O vendedor ambulante” (“Dr. Marigold’s Prescriptions”, 1865), “O guarda-chuva do Sr. Thompson” (“A Holiday Romance”, 1868 v. n.º 50), “Os sete caminantes pobres” (“The Seven Poor Travellers” 1854), “Uma dama caridosa” (“Somebody’s Luggage”, 1862) e *Os carrilhões* (*The Chimes*, 1844).]
96. *Contos de Natal*. trad. Maria Antonieta Carneiro. Porto, Civilização, **1978**. Inclui uma biografia do autor. Clássicos Civilização / Os Clássicos Ingleses. (BN, L 26083 V)
[Inclui: “*Cântico de Natal*. Uma história de fantasmas de Natal” (“*A Christmas Carol*, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas”, 1843), *Os carrilhões* (*The Chimes*, 1884) e *O grilo da lareira* (*The cricket on the Hearth*, publ. Dez. 1845, com data 1846) São três dos chamados “Christmas stories”. Os outros são *The Battle of Life*, 1846, e *The Haunted Man and the Ghost’s Bargain*, 1848.]
97. *O Natal do sr. Scrooge e os sinos de Ano Novo*. Texto integral. Trad. Lucília Filipe. Lisboa, Europa-América, **1979** [indic. da editora]. Coleção Livros de Bolso Europa-América, 220. (BN, L 75649 P) [*A Christmas Carol*, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas”, 1843; *The Chimes*”, 1844.]
98. *Oliver Twist*. Trad. revista R. Correia. Lisboa, Amigos do Livro, **1980**. Grandes Romances para a Juventude. (BN, L 28277 – 78 V) [*Oliver Twist*, 1837-38.]
99. *O Natal do velho avarento*, Adapt. Adolfo Simões Müller. Adapt. do famoso conto de Charles Dickens “O Natal do Sr. Scrooge”. [Esta indicação sugere que a adaptação não foi feita a partir do inglês.] Ilust. Rui Pimentel. Publicações Europa-América, **1981**. Os grandes clássicos infantis. (BN, P 6139 V)

- ["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843.]
100. *Nicholas Nickleby*. Trad. Mário da Costa Pires, Aurora Rodrigues. Lisboa, Ed. Romano Torres, **1981**. Obras escolhidas de autores escolhidos, 73. (BN, L 74472 P)
[*Nicholas Nickleby*, 1838-39.]
101. *Um conto de duas cidades*. Trad. Maria de Lourdes Medeiros. Mem Martins, Europa-América, **1982** [DL]. Livros de bolso Europa-América. (BN, L 76036 P)
[*A Tale of Two Cities*, 1859.]
102. *Um conto de Natal de Mickey*: livro para colorir baseado na obra de Charles Dickens. Porto, Edinter, **1983**. (BN, P 6791 V)
["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843.]
103. *Um conto de Natal* do clássico de Charles Dickens. Walt Disney Productions. Porto, Edinter, **1984**. Edições internacionais, lda. (BN, P 7245 V)
Trata-se de banda desenhada.
["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843.]
104. *O cântico de Natal*. Trad. João Costa. Ilust. John Leech. Lisboa, Círculo de Leitores, **1986**. Tesouros da literatura juvenil. (BN, L 81071 P)
["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843.]
105. *Oliver Twist*. Trad. Fred Carrilho. Lisboa, Publica, **1986**. (BN, 7839 V)
[*Oliver Twist*, 1837-38.]
106. *David Copperfield*. Não indica o trad. Ilust. Pedro Cochofel. Capa José Antunes. Lisboa, Editorial Publica, **1987**. Condessa de Ségur, 25 (segundo o registo da BN, o título da colecção foi comunicado pela editora.) (BN, P 9693 P) [Há outra ed. 1990.]
[*David Copperfield*, 1849-50.]
107. *O cântico de Natal*. Trad. João Costa. Lisboa, D. Quixote, **1989**. (BN, P 9476 V)
[João Costa publ. este conto na colectânea *Contos de Natal*, Círculo de Leitores, 1976. A mesma ed. publicou-o isolado em 1986 (v. n° 105).]
["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843.]
108. *Cântico de Natal*. Adapt. António Marques Francisco. Ilust. João Pedro Cochofel. Lisboa, Círculo de Leitores, **1989**. (BN, P 10011 P)
["A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas", 1843.]
109. *Grandes esperanças*. Adapt. Ana Dinis. Ilust. C. Labey. Lisboa, Publica, **1990**. (Bibl. Pública de V. Nova de Gaia, I - 108).
[*Great Expectations*. In *All the Year Round*, 1860-61. Em vol. 1861.]
110. *David Copperfield*. Versão portuguesa Maria Guerne. Ilust. Augusto Trigo. Lisboa, Verbo, **1991**. Biblioteca da Juventude, 16. (BN, P 10285 V)
[*David Copperfield*, 1849-50.]

111. *Um conto de Natal*. Trad. Isabel Cristina Costa. Ilust. Roberto Innocenti. Lisboa, Edinter, **1992**. (BN, P 2753 A)
[“A Christmas Carol, in Prose; Being a Ghost Story of Christmas”, 1843.]
112. “Feliz Natal”. Textos de Charles Dickens seleccionados por Helen Exley. Trad. Margarida Couto. 1ª ed. Lisboa, Texto Editora, **1996**. (R 39640 P)
É um livrinho oferta de Natal com trechos curtos e muita ilustração.
[“Merry Christmas”]

Mais 4 traduções foram localizadas, sem que fosse possível datá-las. As 2 primeiras, de uma extensa colecção que deu a conhecer em Portugal vários dos grandes romancistas ingleses do século XIX, deverão localizar-se nas décadas de 1940-50.

Quando às outras duas não ultrapassam a década de 1970, pois que existem no Fundo British Council, que transitou para a Fundação Calouste Gulbenkian em 1980.

A editora Ibis teve vida curta, portanto, a serem dos anos 60, estas obras deverão ter sido publicadas no fim da década, de acordo, aliás, com as datas de outras obras que fazem parte desta listagem.

113. *Grandes esperanças*. Traduzido do inglês por Armando de Moraes. Lisboa, Portugália. Os romances universais, 9. [Um ponto de referência é o facto de o nº 42 desta colecção estar datado de 1969. (V. nº 86)]. [Há 2ª ed. de 1956 e 3ª revista de 1969.] [1ª ed. BC 2962, 2ª BN, L 44538 P, 3ª BN, L 24408 V; BC, 4047]
[*Great expectations*. In *All the Year Round*, 1860-61. Em vol. 1861.]
114. *A loja de antiguidades*. Trad. Ersílio Cardoso. Lisboa, Portugália. Os romances universais, 12. [É ponto de referência o nº anterior.] [BN, L 13347 V; BC, 2981. Há 2ª ed. revista: BC, 2982].
[*The Old Curiosity Shop*, 1841.]
115. *Contos de Natal*. Ibis, Venda Nova. Histórias, 43. [Sabendo que o nº 56 desta colecção (v. nºs 82 e 95) é de 1967, temos que considerar esta obra 2 ou 3 anos anterior.] [BC 3014]
116. *David Copperfield*. Ibis, Venda Nova. Histórias. Selecção, 7. [BC, 3013]. [Tem a mesma indicação do nº82: “1ª ed. da série “Selecção”.]
[*David Copperfield*, 1849-50.]

**Versões cinematográficas (F)
de obras de Dickens
apresentadas em Portugal**

1. *Vida e aventuras de David Copperfield*. Lisboa, Odéon/Palácio, 28.4.**1937**.
[*David Copperfield*, real. George Cukor, U.S.* 1935.]
2. *Duas cidades*. Lisboa, S. Luis, 9.4.**1940**.
[*A Tale of Two Cities*, real. Jack Conway, U.S., 1935.]
3. *Grandes esperanças*. Lisboa, Trindade e S. Jorge, 15.10.**1948**.
[*Great Expectations*, real. David Lean, U.K., 1946.]
4. *As aventuras de Oliver Twist*. Lisboa, S. Jorge, 4.5.**1950**.
[*Oliver Twist*, real. David Lean, U.K., 1948.]
5. *O homem e o espectro*. Lisboa, S. Jorge, 5.1.**1956**.
[“A Christmas Carol” com o título *Scrooge*, real. Brian Desmond Hurst, U.K., **1951**.]
6. *À sombra da guilhotina*, Lisboa, S. Jorge, 5.3.1959.
[*A Tale of Two Cities*, real. Ralph Thomas, U.K., **1958**.]
7. *Oliver!* Lisboa, Império, 11.12.1968.
[*Oliver Twist*, numa versão musical com o título *Oliver!*, real. Carol Reed, U.K., **1968**.]
8. *David Copperfield*, Lisboa, Tivoli, 11.1.**1971**.
[*David Copperfield*, real. Delbert Mann, U.K., 1970.]
9. *Muito obrigado, senhor “Scrooge”*. Lisboa, Monumental, 14.12.**1971**.
[*A Christmas Carol*, com o título *Scrooge*, real. Ronald Neame, U.K., 1970.]
10. *O lutador da rua*. Porto, Batalha, 14.2.1977, e Lisboa, Monumental, 3.3.**1977**.
[*Hard Times*, real. Walter Hill, U.S., 1975.]
11. *Tempos difíceis*. Lisboa, Amoreiras 7 e Quarteto 2, 30.9.**1988**.
[*Hard Times*, real. João Botelho, Portugal, 1980.]

* As indicações U.S. e U.K. indicam respectivamente os Estados Unidos da América e o Reino Unido, como origem da produção.

Índice Remissivo

- (Aventuras de um comissionista) - 50
Battle of Life (The) - 22
Black Veil (The) - 14, 15, 29, 30, 35, 38, 45
Bleak House - 81
Bloomsbury Christening (The) - 9, 14
Boarding - house (The) - 7, 14, 44
Chimes (The) - 49, 95, 96
Christmas Carol (A) - 12, 14, 18, 19, 20, 54, 63, 68, 77, 82, 87, 88, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 104, 107, 108, 111, F5, F9
Cricket on the Hearth (The) - 54, 55, 62, 88, 96
David Copperfield - 46, 58, 60, 73, 85, 86, 106, 110, 116, F1, F8
Dombey and Son - 74
Dr. Marigold's Prescriptions - 50, 89, 95
Drunkard's Death (The) - 26, 28, 32, 52
Estalajadeiro de Andermatt (O) - 1
Great Expectations - 33, 66, 91, 92, 109, 113, F3
Great Winglesbury Duel (The) - 10, 14
Hard Times - 70, F10, F11
Haunted Man and the Ghost's Bargain (The) - 24, 30, 34, 51, 63, 84, 94
Holiday Romance (A) - 50, 61, 95
Holly Tree (The) - 89
Horatio Sparkins - 6, 14, 30, 34, 42
House to Let (A) - 27, 39
(Ilha do tesouro) (A) - 82, 87
Little Dorrit - 80
Martin Chuzzlewit - 76
Life of Our Lord (The) - 57
Long Voyage (The) - 43
(Luta aérea (Uma) - 16, 17
Mr. Minns and his cousin - 8, 14, 35
Mrs. Joseph Porter - 11, 14
Mrs. Lirriper's Legacy - 50, 75
My Uncle - 3, 37
Mystery of Edwin Drood (The) - 78
(Nau branca (A) - 43
Nicholas Nickleby - 25, 100
Nightly Scene in London (A) - 89
No thoroughfare - 35, 36, 48
Old Curiosity Shop (The) - 65, 114
Oliver Twist - 21, 23, 47, 59, 71, 90, 98, 105, F4, F7
Pickwick Papers - 40, 56, 64, 67, 72
Poor Relation's Story (The) - 82, 87
Schoolboy's Story (The) - 41, 51

Sentiment	- 13, 14
Seven Poor Travellers (The)	- 82, 87, 95
Signalman (Mugly Junction (The)	- 89
Somebody's Luggage	- 50, 95
Steam Excursion (The)	- 4, 14
Tale of Two Cities (A)	- 31, 53, 69, 79, 83, 93, 101, F2
To be Read at Dusk	- 16, 17
Tuggses at Ramsgate (The)	- 2, 5, 14
(Vingança)	- 50
Wreck of the Golden Mary (The)	- 82, 87